

A GUERRA NA “SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO”: PERMANÊNCIA E MUDANÇA

The war in the "information society": permanence and change

Luís Alexandre FUCCILLE
IFCH - Unicamp
UFSCar

Como em outros momentos históricos em que eventos singulares engendraram transformações profundas, o objetivo do presente artigo é analisar o impacto da “sociedade da informação” sobre o desenvolvimento da arte da guerra, em especial *vis-à-vis* uma guerra “convencional” (Guerra do Golfo de 1991) e uma guerra “revolucionária” (conflito de Chiapas).

1 – A guisa de introdução

Apesar de amplamente utilizada para designar os mais variados tipos de confrontos entre homens, a noção mais efetiva sugerida pelo termo *guerra*, em qualquer tempo e em qualquer sociedade, é a de que se trata de um conflito sangrento envolvendo agrupamentos humanos.

É precisamente em virtude da recorrência e da indiscutível relevância desse fenômeno para a vida dos homens que decorrem as dificuldades para a sua conceituação. Definir o corriqueiro e “evidente” sempre foi mais problemático que identificar o fora do comum. Tanto mais se o banal, no caso, é a eliminação física conscientemente desejada do semelhante. A gravidade desse ato é revelada quando se considera a importância com que foi tratado por todas as religiões, sistemas filosóficos, ordenamentos morais, regimes políticos e manifestações artísticas, inapelavelmente obrigados a formulações sobre o sentido da vida humana e sobre o ato de sua eliminação.

A tentativa de conceituação da guerra mais difundida desde o século XIX, de Clausewitz, segundo a qual o fenômeno seria a *continuação da*

política por outros meios,¹ ou como Keegan faz questão de precisar, chamando a atenção para a sutileza e complexidade dos termos, a *continuação das relações políticas com a entremistura de outros meios*,² tem encontrado ao longo do tempo respeitáveis objeções. Clausewitz é questionado por ter circunscrito o fenômeno ao seu tempo histórico, condicionando-o à existência do Estado, contingenciando-o à existência prévia de relações políticas ou ainda a atitudes consideradas “racionais”.

Os mesmos questionamentos, entretanto, já não seriam facilmente imputados a outra definição menos lembrada de Clausewitz, onde a guerra seria *um ato de violência destinado a forçar o adversário a executar nossa vontade*.³ Nessa afirmação estão presentes os três conceitos maiores de sua teorização, a *violência* (impulso natural cego), o *objetivo* (determinado pelo “jogo da probabilidade e do acaso que formam a livre atividade da alma”) e o *fim*, ou a finalidade última (resultado do *puro entendimento*), conforme a observação minuciosa de Raymond Aron.⁴

A complexidade da guerra enquanto ato social é amplamente revelada por todo o esforço interpretativo da experiência humana e pelas tentativas de sacralização do homicídio: nas elaborações mitológicas deuses e heróis reproduzem o comportamento dos homens em seus combates, protagonizam e definem batalhas, interferem no destino de sociedades; no mundo primitivo, os homens cantam e dançam invocando a divindade antes da utilização de suas armas; nas mais diversas religiões, inclusive na religião cristã, reputada como eminentemente pacifista, a guerra foi tida como manifestação do castigo divino e o homicídio chegou a ser apresentado como desígnio de Deus; na contemporaneidade, o combatente não deixa de persignar-se antes de acionar poderosos e sofisticados engenhos destrutivos.⁵

¹ Carl von Clausewitz, *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1979, p. 87.

² Cf. John Keegan, *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 19.

³ Carl von Clausewitz, *op. cit.*, 1979, p. 143.

⁴ Raymond Aron, *Pensar a guerra, Clausewitz*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986, p. 104 e sgs.

⁵ Ver Manuel Domingos, “Sobre os fundamentos da guerra”. In: *Premissas*, Campinas, mai de 1998, p. 73 e sgs.

Ao longo dos séculos, a literatura tomou a guerra como mecanismo de seleção da espécie humana, instrumento de compatibilização entre os meios de sobrevivência e o crescimento demográfico, processo de aniquilamento-fusão-afirmação de etnias, marco cronológico de grandes mudanças históricas, culturais e religiosas, alimentadora de grandes avanços científicos e tecnológicos, instante de ruptura/início dos ordenamentos econômicos, sociais e políticos, base formadora e destruidora de valores éticos e morais. Enfim, conforme a famosa frase de Marx, a autêntica parteira da mudança histórica.

Que mudanças podem ser imputadas a um fenômeno de efeitos tão vastos e profundos frente ao impacto do surgimento da “sociedade da informação”? Essa é basicamente a pergunta que norteará o desenvolvimento deste artigo.

2 – A “sociedade da informação”

Mas, afinal de contas, o que é essa tal “sociedade da informação” de que estamos falando? Por “sociedade da informação” queremos aqui nos referir, sucintamente, ao “novo” arranjo societário que se seguiu às novas tecnologias da informação. Conforme Castells,

*“Uma revolução tecnológica concentrada na tecnologia da informação está modelando a base material da sociedade em ritmo acelerado. Economias por todo o mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável”.*⁶

Ainda,

“As redes globais de intercâmbios instrumentais conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, em um fluxo contínuo de decisões estratégicas. Segue-se uma divisão fundamental entre o instrumentalismo universal

⁶ Manuel Castells, *A sociedade em rede* (A era da informação: economia, sociedade e cultura; vol. 1). São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 21.

abstrato e as identidades particularistas historicamente enraizadas. Nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma posição bipolar entre a Rede e o Ser.⁷

Creio não ser exagerado referir-se a tal processo como algo cujo poucos paralelos desta magnitude possam ser buscados na experiência humana. A reestruturação capitalista do final de século XX e início de milênio, ao qual toda esta composição está ligada – quer gostemos ou não –, tem representado um choque gigantesco no cotidiano dos indivíduos, seja conectando-os às redes – seguindo a analogia castelliana – ou relegando-os à própria sorte mas, fundamentalmente, sendo impossível ignorar este processo.

Nesta “nova” sociedade, as relações sociais são deslocadas dos contextos territoriais de interação e se reestruturam por meio de extensões indefinidas de tempo-espaço. Na óptica de Ortiz, apesar de negar mais à frente esta afirmação, “[a] idéia de um encolhimento do espaço é generalizada. Dentro da nova ordem social o espaço é representado como algo que se desagrega”.⁸ Ao tratar do que chama condição pós-moderna e as novas respostas à compressão do tempo-espaço, Harvey irá elencar quatro possíveis leituras à ação desta, que não iremos abordar por não se constituir no objetivo do presente artigo.⁹

Assim, recorro novamente à pena esclarecedora de Castells que, com sua enorme capacidade de síntese, assinala:

“Ao redor deste núcleo de tecnologias da informação, definido em um sentido mais amplo, uma constelação de grandes avanços tecnológicos vem ocorrendo, nas duas últimas décadas do século XX, no que se refere a materiais avançados, fontes de energia, aplicações na medicina, técnicas de produção (já existentes ou potenciais, como a nanotecnologia) e tecnologia de transportes, entre outros. Além disso, o processo atual de transformação tecnológica expande-se exponencialmente em razão de sua capacidade de criar uma interface entre campos tecnológicos mediante uma linguagem digital comum na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida.

⁷ Grifo original. Idem, *ibidem*, 2000, p. 23.

⁸ Renato Ortiz, *Mundialização e cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, p. 47.

⁹ A quem interessar uma análise mais pormenorizada desta perspectiva, sugiro David Harvey, *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992, principalmente p. 315 e sgs.

Vivemos em um mundo que, segundo Nicholas Negroponte, se tornou digital.¹⁰

Interessa-nos, contudo, antes de termos a pretensão de aqui querermos esgotar o tema, oferecer uma primeira aproximação de como as novas tecnologias da informação vêm impactando a questão da guerra, em especial por meio da análise da transmissão de imagens ao vivo e da construção de hipertextos na internet.

3 – A Guerra do Golfo

Surgida do conflito militar inicialmente dado entre Kuwait e Iraque, a Guerra do Golfo – iniciada em 2 de agosto de 1990 – acabaria por envolver outros países, tendo os Estados Unidos da América (EUA) à frente da coalizão anti-Saddam Hussein. A Guerra do Golfo se tornaria célebre por introduzir recursos tecnológicos sofisticados, tanto no campo bélico como em seu acompanhamento pelo resto do planeta. As televisões transmitiam ao vivo o ataque a Bagdá, e informações instantâneas sobre o desenrolar da guerra espalhavam-se por todo o mundo. A propaganda norte-americana anunciava o emprego de ataques “cirúrgicos” que conseguiam acertar o alvo militar sem causar danos a civis próximos. Será tudo isso verdadeiro?

Primeiramente, quanto ao aspecto bélico, parece incontestável que a tecnologia molda e condiciona a arte da guerra, interferindo nas técnicas de combate de forma cada vez mais intensa e dominante. Definida correntemente no meio militar como o primeiro conflito da “Idade Tecnológica” em que estaríamos entrando, fica evidente porque nos referimos a essa guerra já no início deste artigo como uma guerra tradicional entre aspas. Como descreve o general Amarante, membro do Exército brasileiro,

“Na Guerra do Golfo, em presença à avalanche tecnológica, o Iraque se quedou imobilizado a uma distância inofensiva em relação às forças aliadas. Foi uma guerra standoff – manutenção

¹⁰ Manuel Castells, *op. cit.*, 2000, p. 50.

*do adversário a distância – em que o poder de fogo preponderou sobre o movimento, provocando uma dispersão das tropas dentro das restrições físicas do teatro de operações”.*¹¹

Em conseqüência, foi a primeira vez a que assistimos, na sua plenitude, uma operação de forças combinadas, calcada na doutrina da *Air-Land Battle* (Batalha Ar-Terra) e caracterizando um excelente nível de gerenciamento no Estado-Maior aliado. Os vetores científico e tecnológico que hoje definem o preparo militar ficaram então patentes aos que não queriam fechar os olhos à nova realidade.

Com efeito, nesta nova conjuntura, como destaca Castells, surge um novo paradigma do que se torna aceitável à sociedade no concernente à arte da guerra, que sucintamente poderia ser descrito em três pontos, a saber: 1) não deve envolver cidadãos comuns, portanto deve ser feita por um exército profissional, de modo que a convocação obrigatória fique reservada para circunstâncias realmente excepcionais, julgadas improváveis; 2) deve ser curta, até mesmo instantânea, para que as conseqüências não subsistam, consumindo os recursos humanos e econômicos e suscitando questões sobre justificativas para a ação militar; e, finalmente, 3) deve ser limpa, cirúrgica, com destruição até mesmo do inimigo, mantida dentro de limites razoáveis e escondida o máximo possível da visão pública, com a conseqüência de ligar intimamente manuseio da informação, formação de imagem e prática de guerra.¹² Este último aspecto nos interessa reter mais de perto.

Do ponto de vista da informação, a grande novidade foi um cenário quase contínuo de sons diretos e, sobretudo, de imagens ao vivo, graças à rede de satélites instalada a partir dos anos 1980. Ao mesmo tempo, esta realidade parece ter engendrado uma situação paradoxal. Na análise precisa de Wolton,

“Nunca hubo en una guerra tantos medios implicados y nunca la opinión pública tuvo tanta sensación de no estar informada. Nunca tanta demanda de información y nunca tanto recurso a la censura.

¹¹ Grifo original. José Carlos Albano do Amarante, “A tecnologia militar – repercussões da Guerra do Golfo”. In: *A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro, jan/mar de 1992, p. 28.

¹² Manuel Castells, *op. cit.*, 2000, pp. 481-2.

Nunca tantos periodistas sobre el terreno y nunca tantos rumores de desinformación. Nunca tantas imágenes pero tampoco nunca tanto ‘fono’ en los estudios. Nunca tanta transmisión en directo pero tampoco nunca tantas ‘imágenes en bucle’, vueltas a ver cien veces, y de relleno. Nunca tanta información, por lo tanto, y nunca tanta sensación de estar apartado de lo esencial, de estar frustrado y saturado a la vez (...) El público quería saber pero la información-espectáculo despistaba”¹³

Essa colocação parece nos remeter a um ponto essencial ao tratarmos das novas tecnologias da informação, a questão do controle das redes, neste caso envolvendo sobretudo a mídia televisiva. Ao contrário do Vietnã, onde – apesar de não ao vivo – a classe média norte-americana e mundial assistiam estarecidas durante o jantar imagens que mostravam toda a crueza de uma guerra e o morticínio de seus filhos nas fileiras do “Exército da Liberdade” (nas irônicas palavras de Noam Chomsky), o Departamento de Defesa norte-americano parece ter aprendido a lição e exerceu um controle ferrenho sobre o acesso a áreas por parte da imprensa e na seleção de imagens a serem liberadas durante o conflito do Golfo.¹⁴ Wolton reforça nossa apreciação ao lembrar que um dos seus principais “méritos” foi,

“Una guerra sin muertos, bajo los ojos de las cámaras, es la proeza técnica a la que llegó Occidente y que demuestra que la prensa, a pesar de que criticó ampliamente a la censura del ejército, había incorporado la lección de Vietnam: no desmoralizar al ejército ni la opinión, ya que nadie podía imaginar que la guerra fuera tan breve. Nadie vio la guerra sucia, ya que se suponía que las tecnologías sofisticadas permitían en cierta manera ahorrársela. Y ni siquiera la ‘alfombra de bombas’ que recibieron a diario los iraquíes durante más de un mes cobró víctimas... Se mostraron, en cambio, las huellas de tortura en los kuwaitíes, pero no se mostró tampoco a los heridos aliados...”¹⁵

¹³ Dominique Wolton, *War game: la información y la guerra*. México DF: Siglo Veintiuno Editores, 1992, p. 9.

¹⁴ Conforme John Kenneth Galbraith, professor emérito em Harvard e ex-assessor do presidente John Fitzgerald Kennedy, “os repórteres que cobrem as campanhas militares estão, em geral, especificamente sob as ordens dos generais cujos feitos divulgam. Uma das fraquezas indubitáveis do poder militar no Vietnã foi ter perdido o controle da imprensa”. John Kenneth Galbraith, *Anatomia do Poder*. São Paulo: Pioneira, 1989, p. 165.

¹⁵ Dominique Wolton, *op. cit.*, 1992, p. 34.

Recentemente, dois documentários, um da BBC de Londres e outro da norte-americana CBS, realizados mais de dez anos após o término dos embates, mostram de maneira inequívoca algumas cenas de horror – como, por exemplo, soldados iraquianos rendidos dentro de uma vala sendo queimados vivos por soldados da aliança ocidental portando lança-chamas – e a farsa que foi o depoimento de uma kuwaitiana – contratada, pasmem!!! – na Comissão do Congresso dos EUA. Tudo isso não importa... O elemento essencial, o apoio da opinião pública interna e externa dos EUA – o famoso campo psicosocial, no jargão militar – foi conquistado e os norte-americanos procuraram deixar claro, tal qual em Hiroshima e Nagasaki, a quem competiria a liderança neste novo mundo pretensamente unipolar, na linha do discurso fukuyamista do fim da história.¹⁶ A guerra ao vivo, com o controle da informação, foram decisivos para a vitória da aliança ocidental sob a égide dos EUA, mostrando até onde estariam dispostos a ir, nesta clara demonstração e alerta ao mundo contra os que procuram atentar contra a *pax americana*.

Ao mesmo tempo em que vêem uma violência inominável dos iraquianos em relação aos kuwaitianos, o mesmo não é observado no caso dos judeus – históricos aliados norte-americanos na região – frente aos palestinos. Diversos outros exemplos poderiam aqui ser buscados em torno do mundo, todavia este não constitui o cerne do presente artigo. Enfim, como resume bem Castells, “as guerras instantâneas [expressão que só faz sentido no tocante à mídia, pois o povo iraquiano até hoje sofre as mazelas do conflito do Golfo] e sua temporalidade tecnologicamente induzida são atributos das sociedades informacionais, mas, a exemplo de outras dimensões da nova temporalidade, caracterizam as formas de dominação do novo sistema, a ponto de excluir os países e acontecimentos não centrais para a lógica dominante emergente”.¹⁷ É a rede operando, conectando e desconectando – seguindo a analogia computacional, em alguns casos até mandando para a “lixeira” – nessa nova

¹⁶ Para a formulação original deste argumento, ver Francis Fukuyama, *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, principalmente p. 40 e sgs.

¹⁷ Manuel Castells, *op. cit.*, 2000, p. 486.

cultura da virtualidade em que as coisas, devido aos novos meios, ao mesmo tempo que podem se tornar eternas são sublimemente efêmeras.

4 – O conflito de Chiapas

No primeiro dia de 1994, uma guerrilha formada basicamente por índios e camponeses pobres se insurgia na província mais miserável do México. Quando as autoridades mexicanas ainda estavam comemorando não apenas o novo ano, mas as primeiras horas de funcionamento do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), que em tese credenciaria o México a ingressar no primeiro mundo, paradoxalmente, o último dos mundos, da região mais esquecida do país, levantava-se para indicar o único caminho que restava para canalizar seus desejos. Já naquele momento, chamava a atenção o fato de que, justamente aquele país que apresentava os melhores índices econômicos da América Latina, que estava entrando no “mercado do Norte” com a pareceria de dois gigantes – EUA e Canadá –, mostrava sua vísceras expostas violentamente por um exército “brancalônico” que reclamava justiça.

Embora alguns indícios apontassem para a precariedade do movimento (como os fuzis de madeira, a falta de uniformes etc), ficava claro para qualquer observador atento que, ainda que as circunstâncias tivessem precipitado as decisões, uma longa e minuciosa preparação político-militar tinha antecedido os acontecimentos.

Conquanto tenhamos definido inicialmente este movimento como uma “guerra revolucionária”, uma análise mais detida mostra que, embora o caso Chiapas apresente fatores que possamos considerar “revolucionários” em vários aspectos, não temos indícios suficientes para classificar inequivocamente o confronto armados de Chiapas como uma fase da “guerra revolucionária” *stricto sensu*.

Analisando o caso da guerrilha de Chiapas do ponto de vista estratégico, ela nos surpreende pelo fato de ter incorporado à teoria da guerrilha uma série de novidades, nos vários níveis em que pode ser analisada, e que muito

provavelmente mudarão a fisionomia e o *modus operandi* dos confrontos armados de baixa intensidade que possam vir a acontecer depois dela.¹⁸ A primeira destas a ser considerada é que se trata da primeira insurreição desse tipo no novo equilíbrio das relações de forças internacionais inaugurado na Guerra do Golfo, o primeiro arranhão na paz imposta pela Nova Ordem Mundial que se seguiu à guerra fria. A segunda novidade pode ser detectada no nível simbólico (muito bem trabalhado pelos zapatistas), entre outras coisas, ao fazer coincidir o levante de índios e miseráveis reclamando “pão, saúde, educação, autonomia e paz” com o primeiro dia em que entrava em vigor o NAFTA. Mas os elementos que consideramos mais importantes, que acreditamos possam apresentar conseqüências marcantes para a concepção estratégica da “guerra revolucionária”, são as alterações operadas pelos zapatistas nos três diferentes níveis em que pode ser analisado o caso da guerrilha de Chiapas, isto é, no âmbito da política, da estratégia e da tática.

Em primeiro lugar, o fim político declarado deixa de ser a mudança de sistema para propor algumas alterações *no* sistema; em segundo lugar, e em conseqüência do primeiro, no nível estratégico é abandonado o objetivo de *aniquilar* as Forças Armadas das classes dominantes e, em seu lugar, procura-se *forçar o diálogo* com o governo; no nível tático, incorpora-se a utilização de símbolos visando potenciar o efeito do uso das armas e às vezes substituí-lo, e a aplicação em larga escala do sistema informatizado de comunicação como forma de contraminar o efeito da relação de força completamente adversa. Por estarmos lidando com o tema da guerra na “sociedade da informação”, este último aspecto aqui apontado interessa-nos mais detidamente.

Os zapatistas, liderados pelo subcomandante Marcos, souberam fazer uso das novas tecnologias da informação – em especial da internet – para fazerem valer seus interesses. Creio não ser demais afirmar que a maior novidade que se manifestou nesta sublevação de Chiapas foi implementada no nível tecnológico das comunicações: a utilização generalizada dos microcomputadores

¹⁸ A quem interessar, uma tipologia dos tipos de guerrilha e uma análise mais refinada do caso chiapaneco pode ser encontrada em Gabriel Zaid, “Chiapas: La Guerrilla Posmoderna”. In: *Revista Occidental*, Tijuana, Mai/Ago de 1994, especialmente p. 114 e sgs.

entre a guerrilha e a opinião pública internacional por meio do uso das redes de comunicação informatizadas.¹⁹

Castells analisa bem quando destaca que:

*“A tecnologia digital permitiu a compactação de todos os tipos de mensagens, inclusive som, imagens e dados, [formando] uma rede capaz de comunicar todas as espécies de símbolos sem o uso de centros de controle. A universalidade da linguagem digital e a lógica pura do sistema de comunicação em rede criaram as condições tecnológicas para a comunicação horizontal global. Ademais, a arquitetura dessa tecnologia de rede é tal, que sua censura ou controle se tornam muito difíceis. O único modo de controlar a rede é não fazer parte dela, e esse é um preço alto a ser pago por qualquer instituição ou organização, já que a rede se torna abrangente e leva todos os tipos de informação para o mundo inteiro”.*²⁰

Assim, os zapatistas conseguiram, das profundezas da selva La Candona, manter-se permanentemente em contato por este novo meio com numerosos grupos políticos, acadêmicos, de direitos humanos e de solidariedade do mundo todo. Esta comunicação simultânea permitiu articular, com surpreendente velocidade e eficiência, numerosas ações de apoio internacional às populações de índios e miseráveis do Estado de Chiapas, que estavam sendo vítimas de ataques repressivos orquestrados pelas tropas do governo mexicano. Mensagens de socorro denunciando o genocídio que as tropas governamentais realizavam no contra-ataque à insurreição do movimento zapatista provocaram uma avalanche de faxes e mensagens eletrônicas dirigidos ao presidente mexicano pedindo a decretação imediata do cessar-fogo. Como culminação desta ação social, articulada por uma “corrente cibernética”, os zapatistas conseguiram reunir um grande movimento internacional de apoio que pressionou a capital mexicana a deter os bombardeios da aviação do governo.

A detecção e divulgação dos planos via internet para executar a segunda contra-ofensiva generalizada das tropas do governo, que muito provavelmente aniquilaria militarmente a resistência armada da guerrilha, dada a

¹⁹ Para uma análise mais detida deste aspecto, cf. o excelente artigo de David Ronfeldt, “Batallas mexicanas em Internet”. In: *Nexos*, México DF, dez de 1995.

desproporção exagerada de forças, provocou outro movimento na opinião pública internacional cuja repercussão no governo acabou abortando também esta grande operação de guerra.²¹

Definido pelo intelectual mexicano Carlos Fuentes como a primeira insurgência pós-comunista e pós-moderna do mundo,²² esse movimento agregaria novos elementos ao paradigma tradicional da guerra, quer seja entendida em seu sentido “convencional”, quer seja em seu sentido “revolucionário”, ao criar uma nova categoria que Ronfeldt e Arquilla chamam de *netwar*. Para sermos mais precisos:

*“The term netwar refers to an emerging mode of conflict (and crime) at societal levels, involving measures short of traditional war, in which the protagonists use networks forms of organization and related doctrines, strategies, and technologies attuned to the information age. These protagonists are likely to consist of dispersed small groups who communicate, coordinate, and conduct their campaigns in a internetted manner, without a precise central command. Thus, netwar differs from modes of conflict and crime in which the protagonists prefer hierarchical organizations, doctrines, and strategies, as in past efforts to build, for example, centralized movements along Leninist lines”.*²³

Com efeito, os zapatistas conseguiram montar uma rede de solidariedade e apoio na comunidade internacional que, respondendo ao apelos divulgados pelo sistema de comunicação informatizada, fez a diferença na guerra. A utilização bélica da comunicação informatizada com organizações sociais, como elemento de ação por parte de um grupo guerrilheiro, parece indicar que nos encontramos frente a outro tipo de guerra, como disse Yvon Le Bot, “onde os símbolos importam mais que as armas, a comunicação mais que a correlação de forças”.²⁴ Se bem que, até o momento e pelas suas declarações, esta guerrilha

²⁰ Manuel Castells, *op. cit.*, 2000, pp. 375-6.

²¹ Cf. José Steinsleger, “La guerra del sexto sol (crónica de Chiapas)”. In: Carlos de Lella e Ana Maria Ezcurra (Comp.), *Chiapas: entre la tormenta y la profecía*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1994, p. 18.

²² Ver Carlos Fuentes, “Chiapas: Latin America’s First Post-Communist Rebellion”. In: *New Perspectives Quarterly*, abri/jun de 1994.

²³ Grifo original. David Ronfeldt e John Arquilla, *The social netwar in Mexico*. Santa Monica: Rand Press, 1998, p. 9.

²⁴ Yvon Le Bot, “Marcos y los olvidados de Chiapas”. In: *Proceso*, México DF, abri de 1995, p. 28.

pretende manter suas exigências dentro da ordem institucional e que não achemos, pelo menos por enquanto, que se trata de um movimento revolucionário em sentido estrito, não queremos dizer que os métodos testados com êxito por ela não possam ser implementados em todo tipo de guerra, inclusive na “guerra revolucionária”. Aqui, uma vez mais, são as novas tecnologias da informação operando com toda sua força nos mostrando que à colocação inicial posta, sem dúvida podemos responder afirmativamente que há algo de novo no *front* da guerra na “sociedade da informação”.

5 – Considerações finais

Como anotação final é possível propor, conforme descrito anteriormente, que a guerra, a partir do advento da “sociedade da informação”, qualquer que seja sua modalidade, jamais será a mesma. Isso se deve, fundamentalmente, ao grau de penetração e de disseminação das novas tecnologias da informação, paralelamente ao fato de, nos dias que correm, ser imprescindível o apoio da opinião pública em qualquer tipo de guerra, ao menos quando estamos tratando de países relativamente abertos e desenvolvidos.

Essas novas tecnologias, tal qual a grande discussão que se faz por acompanhar a questão do uso da engenharia genética em nossas sociedades, em si não podem ser definidas como positivas ou negativas. Tal orientação, basicamente, só será definida a partir do uso social que se façam delas, pois essas tecnologias, grosso modo, poderiam ser definidas como “neutras”.

O caso da Guerra do Golfo e do conflito de Chiapas creio serem exemplos bastante felizes nesta direção. O primeiro, via mídia televisiva, granjeou o apoio da opinião pública mundial, por meio da manipulação, censura e direcionamento de imagens, tornando o presidente Saddam Hussein – ex-aliado norte-americano, britânico e francês na região – uma espécie de anti-Cristo a ser destruído em nome dos ideais mais “nobres” como a instauração da liberdade e da democracia nesta parte do antigo Império Turco-Otomano. Hoje, sabe-se que os ataques não foram tão “cirúrgicos” como propalado e os aliados ocidentais

reconduziram ao trono a dinastia al-Sabah que governa o Kuwait há mais de duzentos anos de forma absolutista. O governo kuwaitiano, nos últimos anos, cedendo a pressões externas suspendeu a censura à imprensa escrita, mantendo-a, no entanto, no tocante ao rádio e à televisão (parecendo bastante cioso do peso de algumas mídias). Infelizmente, o cinismo ainda impera nas relações internacionais e o petróleo às potências ocidentais está garantido – verdadeira causa do envolvimento dos países desenvolvidos neste conflito.

Distintamente do caso acima pode ser descrito Chiapas. Neste embate eclodido num rincão mexicano, sem qualquer importância quer econômica ou de qualquer outro tipo, a internet desempenhou um papel ímpar durante o desenvolvimento do conflito. Mostrando de forma inquestionável o uso positivo que se pode fazer das novas tecnologias da informação, estas foram fundamentais para evitar o massacre do povo chiapaneco por parte do governo mexicano e mostraram ao mundo o quanto eram justas as demandas desses deserdados da terra. A revolução da informação está levando ao crescimento de formas de organização em rede que, apesar de pequenas, permitem a comunicação entre grupos previamente isolados, conectando-os e conduzindo ações conjuntas coordenadas como nunca antes visto.

O impacto que representa a “sociedade da informação” sobre as formas anteriores da arte da guerra está ainda por merecer um estudo mais aprofundado por parte do mundo das ciências sociais. De qualquer forma, podemos afirmar sem risco de erros que, a partir desse admirável mundo novo que se abre com as novas tecnologias da informação, a guerra jamais será o que foi anteriormente.

6 – Referências bibliográficas

AMARANTE, José Carlos Albano do. “A tecnologia militar – repercussões da Guerra do Golfo”. *In: A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro, jan/mar de 1992.

ARON, Raymond. *Pensar a guerra, Clausewitz*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede* (A era da informação: economia, sociedade e cultura; vol. 1). São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- DOMINGOS, Manuel. "Sobre os fundamentos da guerra". In: *Premissas*, Campinas, mai de 1998.
- FUENTES, Carlos. "Chiapas: Latin America's First Post-Communist Rebellion". In: *New Perspectives Quarterly*, abril/jun de 1994.
- FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- GALBRAITH, John Kenneth. *Anatomia do Poder*. São Paulo: Pioneira, 1989.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LE BOT, Yvon. "Marcos y los olvidados de Chiapas". In: *Proceso*, México DF, abril de 1995.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- RONFELDT, David. "Batallas mexicanas em Internet". In: *Nexos*, México DF, dezembro de 1995.
- RONFELDT, David & ARQUILLA, John. *The social netwar in Mexico*. Santa Monica: Rand Press, 1998.
- STEINSLEGER, José. "La guerra del sexto sol (crónica de Chiapas)". In: Carlos de Lella e Ana Maria Ezcurra (Comp.), *Chiapas: entre la tormenta y la profecía*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1994.
- WOLTON, Dominique. *War game: la información y la guerra*. México DF: Siglo Veintiuno Editores, 1992.
- ZAID, Gabriel. "Chiapas: La Guerrilla Posmoderna". In: *Revista Occidental*, Tijuana, maio/ago de 1994.

O autor

Luís Alexandre Fuccille é pesquisador do Núcleo de Estudos Estratégicos e doutorando em Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); pesquisador-associado do Arquivo Ana Lagôa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).